

## PROPOSTA DE DUAS TRADUÇÕES DO CONTO *THE WOMAN*, DE ALICE DUNBAR-NELSON

Márcia Moura da Silva<sup>1</sup>  
Bruna Navarrina de Moura<sup>2</sup>

“O patriarcado induz a ideia de estar moribundo ou enfraquecido em virtude das vitórias significativas dos movimentos feministas nas últimas décadas, mas, de facto, a violência doméstica, a discriminação sexista e o feminicídio não cessam de aumentar.”<sup>3</sup>

**Resumo:** Tendo por base uma abordagem funcionalista (REIß; VERMEER, 2013; NORD, 1991, 1997, 2018), propomos duas traduções do conto *The Woman*, da escritora afro-americana Alice Dunbar-Nelson (1875-1935). Enquanto na primeira dessas traduções optamos por estratégias de tradução (CHESTERMAN, 2000) que a aproximassem mais do texto de partida, na segunda, escolhemos estratégias que permitiram a criação de um texto mais contemporâneo.

**Palavras-chave:** Tradução literária; Funcionalismo; Feminismo; Alice Dunbar-Nelson; *The Woman*.

**Abstract:** Adopting a functionalist approach (REIß; VERMEER, 2013; NORD, 1991, 1997, 2018), we propose two translations of the short story *The Woman*, by African American writer Alice Dunbar-Nelson (1875-1935). Whereas in the first translation we chose translation strategies (CHESTERMAN, 2000) that brought it closer to the source text, in the second translation we chose strategies that allowed the creation of a more contemporary text.

**Keywords:** Literary translation; Functionalism; Feminism; Alice Dunbar-Nelson; *The Woman*.

### Introdução

O objetivo do presente artigo é apresentar duas traduções do conto *The Woman*, que faz parte da obra *Violets and Other Tales*, que se encontra em domínio público<sup>4</sup>, da escritora afro-americana Alice Dunbar-Nelson, nascida em 1875. A primeira tradução (T1) foi realizada

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com período sanduíche no Centre for Translation and Intercultural Studies (CTIS) da University of Manchester, Inglaterra. Bacharel em Letras, Habilitação Tradutor Intérprete - Inglês/Português pela Unibero, SP. Atualmente é professora adjunta no Instituto de Letras do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (NET) na mesma instituição.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras – Português/Inglês.

<sup>3</sup> SANTOS, 2020, p.12.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/18713>

durante a disciplina de estágio obrigatório de uma das autoras, sendo que notas dos desafios encontrados durante o processo tradutório foram tomadas então. Essas notas servirão de base para a análise aqui apresentada, que se apoia em alguns conceitos discutidos nos Estudos da Tradução (ET). Essa prática de fazer anotações enquanto se traduz é conhecida como *tradução comentada* que, segundo Williams e Chesterman (2002), refere-se a “uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva onde você mesmo traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário sobre seu próprio processo tradutório” (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, p. 7, tradução nossa)<sup>5</sup>. Mediante o resultado da T1, ancoradas na discussão sobre tradução funcionalista, decidimos apresentar uma segunda tradução (T2) que pudesse levar em conta as mudanças na situação das mulheres ocorridas desde a época da publicação da obra.

*Violets and Other Tales* (1895) é uma coletânea de textos não relacionados entre si. Na introdução, a autora revela que alguns textos presentes na obra já haviam sido publicados em jornais e revistas, enquanto outros eram inéditos. A escrita é marcada pela mescla de gêneros textuais. *Three Thoughts*, *A Complaint* e *Legend of the Newspaper*, por exemplo, são escritos em forma de poema, enquanto *The Woman*, é em forma de prosa. Embora o livro apresente diversos temas, a presença do feminino em *The Woman* é predominante.

A escolha do texto se deu pela afinidade que temos com a temática feminista apresentada pela autora, que abordava em suas obras “temas como racismo, opressão, família, trabalho, e sexualidade”<sup>6</sup>. Era ativista defensora dos direitos das mulheres e dos negros, tendo feito parte da organização do movimento sufragista e feito campanha para aprovação do projeto de lei anti-linchamento de 1924<sup>7</sup>. O teor feminista é evidente no texto em questão, em que a autora fala sobre a independência financeira e emocional de uma mulher, ao mesmo tempo que critica a conformidade das mulheres com os valores vigentes na sociedade.

Nord (2018) aponta que além de analisar o conteúdo do texto de partida (TP) e compará-lo a elementos do texto de chegada (TC), como, por exemplo, tempo, lugar, motivo, interlocutor e meio de publicação, o tradutor analisa também as possibilidades que o receptor de chegada tem de coordenar a informação do TP com seu próprio contexto e horizonte. Com base nessa proposição, o

---

<sup>5</sup> “a form of introspective and retrospective research where you yourself translate a text and, at the same time, write a commentary on your own translation process”.

<sup>6</sup> Cf. <<https://www.poetryfoundation.org/poets/alice-moore-dunbar-nelson>>

<sup>7</sup> Conhecido como Dyer Anti-Lynching Bill, o projeto de lei apresentado em 1918 pelo deputado Leonidas Dyer foi uma tentativa de criminalizar os linchamentos recorrentes nos Estados Unidos, que tinham em sua grande maioria de vítimas pessoas negras. Documento disponível em: <https://www.naacp.org/naacp-history-dyer-anti-lynching-bill/>. Acesso em 08 jun.2020.

objetivo principal das traduções aqui apresentadas é o de divulgar o pensamento de escritoras feministas de outrora para que sirva de inspiração para a mulher atual, que, embora tenha alcançado conquistas importantes, ainda se encontra em posição desprivilegiada em relação ao homem e tem de seguir lutando por direitos iguais, principalmente agora, em meio a um cenário político hostil às resistências. O texto de Dunbar-Nelson, ainda que apresente alguns elementos que o coloque em um determinado tempo da história (final do século XIX), retratando a condição feminina de então, também é imbuído de contemporaneidade, pois, apesar de todo o progresso pelo qual passamos, alguns aspectos parecem nunca ter de fato mudado. Assim, acreditamos que seria interessante também propor uma segunda tradução que trouxesse o contexto descrito pela autora para a atualidade, potencializando a identificação por parte do leitor de chegada, sobretudo do público feminino.

Tymoczko (2003) sugere que uma tradução pode ganhar novas significâncias com mudanças espaço-temporais. A autora traz o exemplo da tradução de Jean Anouilh de *Antígona* de Sófocles. Segundo ela, o texto de Sófocles carrega sua própria significância ideológica em seu contexto original e incita os cidadãos atenienses a resistirem à tirania de então e a celebrarem a democracia. Por outro lado, a tradução de Anouilh, feita em 1944 durante a ocupação nazista da França, implicitamente comenta essa ocupação e convida o leitor a resistir ao nazismo.

Antes de apresentarmos as traduções acompanhadas de nossa análise, trazemos na próxima seção algumas ponderações sobre a tradução funcionalista e o texto literário.

### **Tradução Funcionalista e o texto literário**

O funcionalismo se ancora sobretudo na teoria do escopo (REIß; VERMEER, 2013), que vê no propósito da tradução o fio condutor das decisões tradutórias. Em relação ao TP, Nord (2018, p. 12) aponta que enquanto para Reiß ele é o ponto de partida, para Vermeer ele não é mais que uma oferta de informação, sendo que a tradução seria uma nova oferta de informação na cultura de chegada sobre a informação oferecida na cultura e língua de partida. Assim, o importante é que a tradução alcance o propósito estabelecido por quem iniciou a tradução, que pode ser uma pessoa, um grupo, ou uma instituição. Com foco no valor comunicativo dos textos, o tradutor teria que produzir um texto coerente, um texto que faça sentido para o leitor de chegada. Segundo Reiß e Vermeer (2013), a tradução deve ser aceita como sendo coerente com a situação do receptor, ou seja, como sendo parte de sua situação, e

Nord (1997) aponta que “as abordagens funcionalistas de tradução sugerem que seria útil perguntar se o produto do processo tradutório alcança ou não a função comunicativa pretendida” (p. 2, nossa tradução)<sup>8</sup>. Ao definir o propósito do TC, o tradutor estaria em uma melhor posição para produzir um texto que tenha valor comunicativo para o leitor de chegada. Para tornar possível essa comunicação, que acontece em situações limitadas no tempo e espaço e entre comunidades culturais diferentes, o tradutor, muitas vezes, precisa fazer escolhas tradutórias que se distanciam do TP.

Além da análise de fatores intratextuais, o modelo de Nord, que está voltado ao ensino de tradução, inclui a análise de fatores extratextuais, como o emissor do texto, o receptor, tempo e espaço, propósito dos textos e função textual que, segundo a autora, devem ser definidos no projeto ou encargo de tradução (*brief*). Nord (1997) explica que adota o termo *brief* por que ele melhor captura o sentido do termo alemão *übersetzungsauftrag* (comissão ou encargo de tradução) que, segundo a autora, implicitamente compara o tradutor ao advogado que, ao receber as instruções para um caso, tem a liberdade de decidir como executá-las. Assim, encargo de tradução em seu modelo se refere à definição do propósito do processo tradutório.

No encargo, Nord (1997, p. 7) recomenda que se incluam i) os destinatários do TC; ii) tempo e local da recepção do TC; iii) o veículo de transmissão e iv) o propósito da produção ou recepção da tradução. Segundo a autora, essas informações permitem que o tradutor defina a função comunicativa que se espera de sua tradução na cultura receptora. Nord (1997) apresenta um modelo que combina funções textuais e tipologia textual para que o tradutor possa melhor definir a função comunicativa pretendida.

Com base nas funções da linguagem, o modelo inclui as funções referencial, expressiva, apelativa e fática. A autora destaca o caráter transcultural dessas funções e sugere que traduções devem levar em consideração os marcadores culturais que fazem sentido na cultura receptora, a menos que se alerte os leitores de chegada de que estão lendo uma tradução, havendo, assim, necessidade de reinterpretarem esses marcadores. Dependendo das instruções do encargo de tradução, o tradutor pode alterar essas funções em seu texto.

Nesse modelo, a autora fala em dois tipos de traduções – as *documentais*, que são aquelas marcadas como pertencentes à outra cultura, que trazem o nome do tradutor, a língua do TP, que mantêm termos culturalmente marcado, e as *instrumentais*, que não fazem menção

---

<sup>8</sup> “functionalist approaches to translation suggest that it might be helpful to ask whether or not the product of a translation process achieves the intended communicative function.”

às origens e acabam sendo recebidas como se tivessem sido originalmente produzidas na língua de chegada. Enquanto o primeiro tipo informa o leitor de chegada sobre o autor do TP, que escreve sobre o mundo da perspectiva da cultura de partida, o segundo se volta aos leitores de chegada e pode preencher as funções básicas como se fosse um texto não traduzido. O propósito da tradução instrumental pode ser estabelecido como sendo o de atingir tanto a mesma função do TP quanto uma diferente. Escolher entre uma tradução documental e uma instrumental acaba guiando escolhas mais pontuais feitas pelo tradutor.

É importante destacar que há várias críticas em relação à aplicabilidade da abordagem funcionalista na tradução literária, sendo a falta de propósito no texto literário uma delas. Porém, Nord (2018) aponta que há propósitos variados que guiam a produção literária. Para a autora, as características conotativas, expressivas e estéticas do texto literário podem indicar a intenção do emissor do texto. Além disso, os receptores do texto literário têm expectativas que variam de acordo com sua experiência literária e seu conhecimento do autor do TP. Embora a autora não afirme que a intenção do autor do TP deva ser necessariamente preservada, ela destaca a importância da *lealdade*<sup>9</sup> entre os atores no processo tradutório. Porém, ela não ignora o fato de que o tradutor é também um leitor que, como tal, tem sua interpretação individual do TP, que será o ponto de partida para a tradução. Assim, o tradutor não traduz a intenção do autor, mas a sua interpretação dessa intenção. E não nos esqueçamos que a intenção de uma bula de remédio é relativamente clara, ao passo que a de um texto literário já não é tão simples de ser estabelecida, especialmente se considerarmos que muitas vezes nem mesmo o próprio autor é capaz de definir sua intenção, como bem nos lembra Weininger (2009).

No caso das traduções aqui apresentadas, a T1 poderia ser vista como uma tradução *documental*, conforme a classificação de Nord (1997, 2018), por se aproximar mais do TP, mantendo alguns dos marcadores linguístico-culturais que indicam o tempo e espaço do texto de Dunbar-Nelson, ou seja, mantendo certa distância cultural. Por outro lado, a T2 leva mais em conta o contexto de chegada, trazendo mudanças que acreditamos fazem com que os leitores de chegada possam se sentir mais parte desse contexto e das situações descritas no texto. Embora o texto em si possa ser visto como uma tradução *instrumental*, os dois tipos estariam operantes nessa tradução porque, por se tratar de um texto literário, os nomes das autoras e tradutoras já seriam um indicativo de se tratar de uma tradução, por exemplo. Além disso,

---

<sup>9</sup> O conceito de *lealdade* se refere à responsabilidade que o tradutor tem com as pessoas em ambos os lados que participam nas interações em relação ao processo tradutório, o que podem incluir o autor do TP.

sugerimos que traduções como essa sejam acompanhadas de um prefácio do tradutor explicando seu projeto de tradução e as mudanças feitas. Hoje em dia, o uso de paratextos produzidos por tradutores de textos literários estão cada vez mais presentes, sendo mais uma escolha tradutória à disposição de tradutores.<sup>10</sup> Quando traduções funcionalistas de textos literários são vistas como meros exercícios de tradução, um exercício aceitável em sala de aula, mas pouco provável no mundo real, essa manifestação por parte do tradutor se mostra ainda mais importante, pois apresenta seu texto, não como um desrespeito ao TP, mas, sim, como uma tradução possível que segue um projeto de tradução por ele definido.

### Tradução 1 (T1)

Como estratégia global<sup>11</sup>, decidimos criar um TC mais próximo ao TP, assim, optamos por manter elementos que o leitor contemporâneo possa desconhecer, como, por exemplo, as menções à datilografia e à caixa tipográfica. Porém, como consideramos que esses elementos não apresentariam problemas de compreensão ao leitor, não fizemos uso de notas de rodapé. O texto não apresenta muitas marcas temporais e culturais. Mantivemos *século XIX*, *dólar*, e a menção do trabalho nas fábricas, e expressões como *hammer a type-writer* e *galley full of pied types* foram traduzidas para *datilografar vigorosamente* e *caixa tipográfica cheia de tipos móveis variados*, respectivamente, que indicam um tempo anterior. Além disso, traduzimos *Solomon* para *santo*.

Em relação à linguagem, há um uso maior da ênclise, o que faz com que a T1 tenha ares de um texto mais antigo. Porém, algumas palavras arcaicas que a autora empregou, como *ought* e a forma *to-day*, foram traduzidas por palavras de uso corrente da língua portuguesa (*tudo* e *hoje*, respectivamente). Já a expressão francesa *Moi* foi mantida, pois, entre o final do século XIX e o início do XX, a *Belle Époque* francesa tinha grande influência cultural no Brasil, inclusive a elite do país incorporava elementos da língua francesa ao português em seu uso cotidiano (ZANON, 2005).

---

<sup>10</sup> Paratextos como estratégia de tradução são discutidos, por exemplo, por Torop (2010), que apresenta um modelo de análise de tradução literária, e Yuste Friás (2004), que apresenta a noção de paratradução, que se refere a produções paratextuais em tradução, sobretudo no texto infantojuvenil. Pesquisas em tradução com foco em material paratextual em texto literário podem ser encontradas nos bancos de dado de universidades que oferecem programas de tradução.

<sup>11</sup> Segundo Chesterman (2000), a estratégia global inclui a decisão inicial do tradutor em relação à maneira mais apropriada de lidar com a relação TP/TC e o grau de liberdade que o tradutor pode tomar.

Mostramos nos quadros abaixo algumas dessas e outras escolhas tradutórias em seus respectivos contextos:

**Quadro 1: *Hammer a type-writer/galley full of pied type***

TP	TC
<i>Well, she may preside over conventions, brandish her umbrella at board meetings, tramp the streets soliciting subscriptions, wield the <u>blue pencil</u> in an editorial sanctum, <b>hammer a type-writer, smear her nose with ink from a galley full of pied type</b> (...) (p. 8)</i>	Bem, ela pode presidir convenções, brandir seu guarda-chuva em reuniões, percorrer as ruas em busca de assinaturas, empunhar o <u>lápis azul</u> em um santuário editorial, <b>datilografar vigorosamente, manchar o nariz com a tinta restante na caixa tipográfica cheia de tipos móveis variados</b> (...)

Fonte: elaborado pelas autoras

Chamamos a atenção para a expressão *blue pencil* no mesmo excerto do quadro 1, que foi traduzido literalmente<sup>12</sup> para *lápis azul*. Em língua inglesa, usa-se a expressão para denotar mudanças, adições e omissões de palavras para melhorar ou tornar um texto mais aceitável<sup>13</sup>. Em língua portuguesa, está intimamente associada à ditadura portuguesa, sendo símbolo de censura à imprensa e às artes em geral<sup>14</sup>.

**Quadro 2: *Solomon***

TP	TC
<i>(...) when she falls in love she is fool enough to believe her adored one a veritable <b>Solomon</b>. (p. 8)</i>	<i>(...) quando se apaixonou ela é boba o suficiente para acreditar que seu amado é um verdadeiro <b>santo</b></i>

Fonte: elaborado pelas autoras

Ainda que sabedoria seja a qualidade mais comumente associada a Salomão, consideramos que a escolha final *santo*<sup>15</sup> é bastante adequada ao contexto de endeusamento descrito no TP.

**Quadro 3: *I sawed wood***

<sup>12</sup> Usamos aqui a nomenclatura apresentada por Chesterman (2000), que define a tradução literal como sendo aquela em que o termo traduzido está o mais próximo possível do original, porém, com as devidas mudanças gramaticais.

<sup>13</sup> Cf. <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/blue-pencil>

<sup>14</sup> Cf. [http://www.urbi.ubi.pt/040427/edicao/221cult\\_exposicao\\_censura.htm](http://www.urbi.ubi.pt/040427/edicao/221cult_exposicao_censura.htm)

<sup>15</sup> Essa escolha, de acordo com o modelo de Vinay e Darbelnet (1995) seria um caso de *adaptação*, que pode ser usada quando não existe um correspondente na língua de chegada, mas que também tem valor de uma “equivalência situacional”.

TP	TC
<i>I <b>sawed wood</b> and said nothing.</i> (p. 6)	<b>Respirei fundo</b> e nada disse.

Fonte: elaborado pelas autoras

A acepção encontrada para a expressão *to saw wood* é *snore or sleep*<sup>16</sup> (roncar ou dormir). Porém, com base no contexto (a narradora está em uma reunião presenciando uma discussão entre os colegas e opta por se abster de qualquer comentário), escolhemos traduzi-la para *respirei fundo*, que é uma outra expressão em língua portuguesa que, embora não tenha o mesmo valor semântico, pareceu-nos apropriada para esse contexto<sup>17</sup>.

Quadro 4: *world in its working clothes*

TP	TC
<i>Her mind is constantly being broadened by contact with the <b>world in its working clothes</b></i> (p. 7)	Seus horizontes são constantemente expandidos pelo contato com o <b>mundo vestido em suas roupas de trabalho</b>

Fonte: elaborado pelas autoras

Este trecho, em um primeiro momento, foi traduzido como: *Seus horizontes são constantemente expandidos pelo contato com o mundo em seu uniforme de trabalho*. Contudo, com base na frase do poeta e filósofo estadunidense Ralph Waldo Emerson<sup>18</sup>, *common sense is genius dressed in its working clothes* (senso comum é gênio vestido em suas roupas de trabalho), optamos por trocar uniforme por roupa, pela possível referência trazida por Dunbar-Nelson, e também acrescentar *vestido* para minimizar uma possível ambiguidade que o pronome *seu* criaria na primeira opção, visto que poderia estar se referindo à mulher e não ao mundo.

Quadro 5: *wordy war*

TP	TC
<i>Someone else did likewise, also someone else, then the women interposed, and jumped on the men, the men retaliated, a <b>wordy war</b> ensued, and the whole matter ended by nothing being decided, pro or con—generally the case in <b>wordy</b></i>	Outro alguém fez o mesmo, e outro também, então as mulheres se interpuseram e atacaram os homens, os quais retaliaram, o que foi seguido de uma <b>discussão palavrosa</b> , e a questão terminou por nada a ser decidido, a favor ou contra – o que

<sup>16</sup> Cf. Collins Online Dictionary: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/saw-wood>

<sup>17</sup> Aqui há um outro caso de adaptação, escolhida com base no contexto.

<sup>18</sup> <https://plato.stanford.edu/entries/emerson/>



<i>discussions</i> (p. 7)	é geralmente o caso com <b>discussões palavrosas</b> .
---------------------------	--

Fonte: elaborado pelas autoras

A colocação *wordy war* apresentou tanto o desafio de se buscar um correspondente semântico como o de se tentar manter a aliteração com as letras iniciais. Nesse caso, priorizamos o primeiro, tendo escolhido *discussão palavrosa* após consultar *corpus* online<sup>19</sup>, em que encontram-se ocorrências de *palavrosa* no século XIX. Além de não ser de difícil compreensão, a expressão escolhida contribui na produção de um texto menos contemporâneo.

#### Quadro 6: *old maid*

TP	TC
[...] <i>a wild desire not to be ridiculed by the foolish as an "old maid,"</i> (p. 7)	um desejo incontrolável de não ser ridicularizada pelos tolos como “ <b>uma solteirona</b> ”

Fonte: elaborado pelas autoras

Uma das definições de *old maid* é *a woman regarded as unlikely to ever marry; spinster*<sup>20</sup> (uma mulher que provavelmente não venha a se casar; solteirona). Segundo o mesmo dicionário consultado, *old maid* é uma forma depreciativa de se referir a uma mulher de meia idade que não se casou. Além disso, uma matéria do *El País*<sup>21</sup> indica que a palavra *spinster* (solteirona, como traduzida na própria matéria) tem a mesma carga ofensiva machista de se referir a uma mulher desta forma, julgando-a por seu estado civil. Por esses motivos, optamos por traduzir *old maid* como *solteirona*, a fim de reproduzir essa acepção negativa que reflete o julgamento da sociedade em relação a uma mulher e suas expectativas matrimoniais.

Apresentamos abaixo o texto integral da primeira tradução.

## T1

### A MULHER.

O agente literário do clube levantou-se, ajeitou a gravata, pigarreou, fixou seu olhar no jovem e, em alto tom de voz, um pouco afetada por sua língua presa, perguntou:

<sup>19</sup> <<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>>

<sup>20</sup> Cf. Collins Online Dictionary: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/old-maid>

<sup>21</sup> Cf. [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/13/cultura/1463138730\\_112393.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/13/cultura/1463138730_112393.html)

— Sr. —, poderia dizer-nos sua opinião sobre o assunto em questão, se as probabilidades de uma mulher casar-se aumentam ou diminuem quando o seu ganho salarial se torna equivalente àquele de um homem?

A secretária reajustou seus óculos e segurou seu lápis atentamente posicionado sobre seu livro, preparada para anotar que lado o Sr. — tomaria. Sr. — mexeu-se inquieto, recompôs-se em um ato brusco e finalmente proferiu sua opinião. Outro alguém fez o mesmo, e outro também, então as mulheres se interpuseram e atacaram os homens, os quais retaliaram, seguido de uma discussão palavrosa, e a questão terminou por nada a ser decidido, a favor ou contra — o que é geralmente o caso com discussões palavrosas. *Moi?* Bem, respirei fundo e nada disse, mas durante todo o tempo um pensamento formava-se em minha mente, não, não se formava, já lá estava. Era o seguinte, por que uma mulher com salário bom se casaria? Considere a mulher trabalhadora média de hoje. Ela trabalha de cinco a dez horas por dia, fazendo horas extras à noite às vezes, claro. Quando acaba seu expediente, vai para casa, ou para a pensão onde reside, como pode ser o caso. Alguém prepara suas refeições, ela não tem tarefas de casa para se preocupar, nenhum jantar incômodo para preparar para um marido pronto para culpá-la de tudo, nenhuma criança travessa para testar sua paciência, nenhuma economia do lar com que se preocupar. Ela tem suas questões, seus problemas com dinheiro, suas dívidas e suas economias, é verdade, mas elas só a tornam independente em vez de reduzi-la a um nível absurdo de desespero. Seu dia de trabalho acaba no escritório, escola, fábrica ou loja; o resto do tempo a ela pertence, sem perturbações causadas pelo vai-e-vem de tarefas domésticas, e ela pode usá-lo para distrações mentais ou sociais. Ela não depende incessantemente das vontades de um homem mal-humorado para levá-la a esses tipos de entretenimento caso assim deseje. Neste século XIX, ela é livre para ir onde desejar — desde que seja um ambiente moral — sem comentários. Teatros, concertos, palestras, e os entretenimentos mais leves de eventos sociais com suas colegas estão a sua disposição, e lá ela pode ir, ver e ser vista, admirar e ser admirada, aproveitar da presença dos outros e permitir que aproveitem da sua presença, sem nenhuma preocupação pungente sobre o leite do bebê ou o café do marido.

Seus ganhos a ela pertencem inegável, incondicional e integralmente. Ela tem a noção correta do quanto pode gastar, do quão bem ela pode se vestir, do limite de sua renda. Se há um vestido, um livro, um disco, um buquê de flores, ou uma peça de mobília que queira, ela pode obtê-la, e não há necessidade de pedir conselho a ninguém, ou sugerir delicadamente ao seu marido que

a Sra. Tal tem um lindo chapéu novo, e há um muito mais bonito e mais barato na loja Tal. Para um espírito independente, há certo senso de humilhação e orgulho ferido em ter de pedir dinheiro, seja cinco centavos ou quinhentos dólares. A mulher trabalhadora não conhece essa aflição; só precisa consultar sua conta bancária, e pronto. No verão, pega suas economias do inverno, faz suas malas e sai em uma viagem mais ou menos longa, e não há alguém para dizer-lhe que não – nada que a incomode além do peso de sua bagagem. Há independência, felicidade e leveza acerca do ritmo que leva sua vida. Seus horizontes são constantemente expandidos pelo contato com o mundo vestido em suas roupas de trabalho; em seus momentos de lazer pelos pensamentos avançados de homens vivos e mortos que conhece através de sua dedicação a livros e periódicos; em suas férias pelos seus estudos da natureza, ou pode ser outra comunidade que não a dela própria. A liberdade da qual desfruta, ela não ultrapassa, pois se não aprendeu na escola, adquiriu desde então hábitos de autoconfiança, apoio, seriedade, discernimento profundo e acredita veementemente que a mais perfeita liberdade é aquele estado em que a humanidade se conforma e obedece rigorosamente, sem desvios, àquelas leis que são mais adequadas para seu avanço mútuo.

Desse modo, a elegância da mulher trabalhadora e independente dos dias de hoje é tão ideal quanto se pode imaginar. Portanto, por que haveria ela de ansiar a troca dessa liberdade por uma servidão, às vezes doce, é verdade, mas que se torna, na maioria das vezes, irritante e insuportável?

Não é o casamento que desprezo, pois não creio que qualquer pessoa sã o faria, mas é o casamento em massa de meninas adolescentes, correndo para um plano desconhecido de vida para evitar o trabalho. Evitar o trabalho! Que dona de casa ousa chamar algum momento de seu?

Os casamentos podem ser abençoados pelos Céus, mas frequentemente são consumados aqui na terra, com base em um desejo do homem de possuir os atributos físicos de uma mulher, assim como uma criança deseja um brinquedo, e da mulher, um amor inato pelo homem, um desejo incontrollável de não ser ridicularizada pelos tolos como “uma solteirona”, e um certo encolhimento em relação ao trabalho do mundo - a preguiça é uma boa desculpa. A atração de mente com mente, a habilidade de alguém complementar as luzes e sombras no outro, a capacidade de ambos de cumprir com os deveres de marido ou mulher - esses não entram no contrato. Por isso temos o divórcio.

Então nossa mulher independente em todos os anos de sua vida plena, rica e bem resolvida, adquirindo sabedoria e experiência, aprendendo humanidade, e particularmente sobre o outro gênero, a fim de evitar ídolos falsos, quando finalmente aceita carregar o jugo em seus ombros, o faz com talvez menos romance e glamour que suas irmãs mais novas, mas com uma segurança de felicidade sólida e mais duradoura. Por que haveria de ansiar isso; estaria tudo perdido devido ao atraso?

“Eles dizem” que homens não admiram esse tipo de mulher, que preferem a criatura doce, delicada, atraente e estúpida que se aconchega em seus braços, concorda com tudo o que dizem e os olha como se fossem deuses enviados à terra para a edificação da mulher. Bem, mesmo assim, é verdade que eles certamente respeitam a mulher independente, e a admiram, mesmo que não demonstrem, e isso já é algo. Em relação à outra parte, independentemente do quão sensível uma mulher seja tratando de outras questões, quando se apaixona ela é boba o suficiente para acreditar que seu amado é um verdadeiro santo. Carícias? Bem, ela pode presidir convenções, brandir seu guarda-chuva em reuniões, percorrer as ruas em busca de assinaturas, empunhar o lápis azul em um santuário editorial, datilografar vigorosamente, manchar o nariz com a tinta restante na caixa tipográfica cheia de tipos móveis variados, guiar ideias através dos labirintos das letras, protestar no tribunal ou empunhar um bisturi em uma sala de dissecação; ainda assim, quando o momento certo chegar, ela amoldar-se-á graciosamente em seu abraço viril, envolverá seu pescoço com seus braços e deitará sobre seu peito tão carinhosamente quanto a sua irmãzinha, que não fez nada além de pensar, sonhar e praticar para esse momento. Veja, é natural.

### **Tradução 2 (T2)**

Enquanto a T1 foi elaborada durante estágio de tradução no semestre 2019/1, a T2 foi feita por ocasião das discussões que tivemos para a produção do presente artigo. Para essa segunda tradução, decidimos estabelecer um propósito um pouco diverso daquele da T1 para observar os resultados. Assim, tomamos a T1 como base e fizemos mudanças que acreditamos terem tornado essa tradução mais contemporânea; um texto com o qual leitoras de nosso tempo possam se identificar, ou que chame a atenção para o fato de que nossa sociedade ainda se apoia em práticas injustas e nocivas às mulheres.

Em vez de mostrar escolhas mais pontuais, como fizemos acima com as escolhas tradutórias na T1, apresentaremos uma seleção de excertos do TP, seguidos da T1 e da T2.

Como nos interessa sobretudo aquelas situações descritas pela autora que ainda persistem em nossa sociedade, mas agora em um contexto temporal bastante diverso, essa segunda tradução não se prende a escolhas no nível lexical, sendo que alguns trechos apresentam mudanças bastante acentuadas.

Nos ET, a delimitação das partes do texto feita pelo tradutor durante o processo tradutório é chamada de unidade de tradução (UT). Como aponta Alves (2011), essa delimitação depende exclusivamente de cada tradutor e de sua bagagem pessoal de conhecimento. Cada tradutor fará uma tradução diferenciada exatamente por partir de UT diferentes, sendo que essas unidades podem mudar de forma e tamanho. Há autores, por exemplo, que defendem que as UT devem ser estabelecidas ao nível da palavra (VINAY; DARBELNET, 1995; NEWMARK, 1988), e outros, como Reiß e Vermeer (2003), acreditam que o texto como um todo seria a única UT possível, exigindo que o tradutor priorize a contextualidade mais adequada na língua/cultura de chegada. A escolha de UT diferentes não significa que uma tradução seja melhor ou pior. Como aponta Weininger (2009), um TP pode produzir vários TC, sendo todos igualmente possíveis.

Mantivemos na T2 muito do que já tinha sido feito na T1, cujas UT se encontram mais no nível lexical e frasal, mas sentimos a necessidade de ampliar essas UT em alguns trechos, como mostram os excertos abaixo. Porém, por uma questão de espaço, marcamos apenas as principais diferenças entre as duas traduções nos quatro trechos selecionados. Vale mencionar que, no geral, ao contrário da T1, na segunda tradução, como forma de reforçar a contemporaneidade do texto, usamos sobretudo a próclise por que, apesar da colocação pronominal depois do verbo ser a forma básica em nossa língua, o uso da próclise já se encontra generalizado, tanto na linguagem falada como na escrita. Além disso, marcadores como *dólar* e *século XIX* foram omitidos.

### Excerto 1

Quadro 7: Excerto 1

TP	<i>Moi? Well, I sawed wood and said nothing, but all the while there was forming in my mind, no, I won't say forming, it was there already. It was this, Why should well-salaried women marry? Take the average working-woman of to-day. She works from five to ten hours a day, doing extra night work, sometimes, of course. (p.6)</i>
T1	<i>Moi? Bem, respirei fundo e nada disse, mas durante todo o tempo um pensamento formava-se em minha mente, não, não se formava, já lá estava. Era o seguinte, por que uma mulher com</i>

	<b>salário bom</b> se casaria? Considere a mulher trabalhadora <b>média</b> (1) de hoje. Ela trabalha de cinco a dez horas por dia, fazendo horas extras à noite às vezes, claro.
<b>T2</b>	<b>Eu?</b> (1) Bem, respirei fundo e <b>não disse nada</b> (2), mas durante <b>o tempo todo</b> (3), um pensamento se formava em minha cabeça; <b>se formava, não</b> (4), ele já estava lá. Era o seguinte: por que uma mulher que tenha um <b>bom salário</b> (5) se casaria? Considere a mulher que trabalha hoje. Ela trabalha meio período ou período integral, algumas trabalham à noite, claro.

Fonte: elaborado pelas autoras

Nesse exemplo, a ordem de algumas palavras foi trocada (2, 3 e 5), pois são colocações mais comuns em português<sup>22</sup>, assim como o é a dupla negação em (2). Em (4), um dos *não* foi omitido. Omitiu-se também *média*, que aparece na T1, por considerarmos difícil estabelecer o que seria a mulher média de hoje, sobretudo pela diversidade no mercado laboral brasileiro. Em (1), o pronome francês *moi* foi substituído pelo pronome em português, visto ser hoje menos comum o uso da língua francesa do que o era no século XIX.

## Excerto 2

Quadro 8: Excerto 2

<b>TP</b>	<i>Her work over, she goes home or to her boarding-house, as the case may be. Her meals are prepared for her, she has no household cares upon her shoulders, no troublesome dinners to prepare for a fault-finding husband, no fretful children to try her patience, no petty bread and meat economies to adjust.</i> (p.6)
<b>T1</b>	Quando acaba seu expediente, vai para casa, ou <b>para a pensão onde reside</b> , como pode ser o caso. <b>Alguém prepara suas refeições</b> , ela não tem tarefas de casa para se preocupar, <b>nenhum jantar incômodo para preparar</b> para um marido pronto para culpá-la de tudo, nenhuma criança travessa para testar sua paciência, <b>nenhuma economia do lar com que se preocupar</b> .
<b>T2</b>	Quando termina o expediente, ela vai para casa, ou para um <b>apartamento que divide com outras pessoas</b> (1), como pode ser o caso. <b>Pede uma tele entrega</b> (2); não tem tarefas de casa com as quais se preocupar; <b>não precisa se incomodar em preparar</b> (3) nenhum jantar para o marido, que está sempre pronto a reclamar de tudo; nenhuma criança malcriada para lhe testar a paciência; <b>nenhuma preocupação com as economias do lar</b> (4).

Fonte: elaborado pelas autoras

Nesse excerto, há algumas escolhas lexicais diferentes (ex. *pensão/apartamento; refeições/tele entrega*) e alguns casos de *transposição*<sup>23</sup>, como mostram (3) e (4), que trazem

<sup>22</sup> Em pesquisa no navegador Google, por exemplo, há um número de 114.000.000 ocorrências de *bom salário* e 59.700.000 de *salário bom*.

<sup>23</sup> No modelo de Vinay e Darbelnet (1995), a *transposição* se refere à mudança de classe gramatical entre termos do TP e do TC.

mudanças entre substantivos e verbos (*incômodo/incomodar; preocupação/preocupar*), sendo que a T1 mantém as mesmas classes do TP. Tais transposições no T2 acabam acarretando outras mudanças na estrutura das sentenças. Há transposição na T1 em relação ao TP, mas aqui reservaremos os comentários para as diferenças entre as traduções somente. A estratégia de *adaptação* usada em (1) e (2) foi usada para descrever situações mais comuns no século XXI.

### Excerto 3

Quadro 9: Excerto 3

TP	<i>She does not incessantly rely upon the whims of a cross man to take her to such amusements as she desires. In this nineteenth century she is free to go where she pleases—provided it be in a moral atmosphere—without comment. Theatres, concerts, lectures, and the lighter amusements of social affairs among her associates, are open to her, and there she can go, see, and be seen, admire and be admired, enjoy and be enjoyed, without a single harrowing thought of the baby's milk or the husband's coffee. (p.6).</i>
T1	Ela não depende incessantemente das vontades de um homem mal-humorado para levá-la a esses tipos de entretenimento caso assim deseje. <b>Neste século XIX (1)</b> , ela é livre para ir onde desejar – <b>desde que seja um ambiente moral – sem comentários (2)</b> . Teatros, concertos, palestras e os entretenimentos mais leves de eventos sociais entre suas colegas estão a sua disposição, e lá ela pode ir, ver e ser vista, admirar e ser admirada, aproveitar da presença dos outros e permitir que aproveitem da sua presença, sem nenhuma preocupação pungente sobre o leite do bebê ou o café do marido.
T2	<b>Ao contrário das mulheres de gerações passadas (3)</b> , a mulher de hoje já não depende da vontade de um homem mal-humorado para levá-la a lugares que precise ou deseje ir. <b>Ela vai sozinha – a pé, de transporte público, com seu carro, de aplicativo (4)</b> . Ela é livre para ir onde desejar – <b>cinema, teatro, balada, shopping (5)</b> , enfim, pode ver e ser vista; <b>pode trocar experiências com outras pessoas, beber, dançar (6)</b> – tudo sem se preocupar se tem que dar de mamar ao filho ou preparar o café para o marido.

Fonte: elaborado pelas autoras

Mantendo a ideia principal, qual seja, seu direito de ir e vir sem precisar dar satisfações, as escolhas tradutórias foram feitas sem muita preocupação com o nível da palavra ou da frase. Dois trechos foram adicionados<sup>24</sup>, o (3), por que acreditamos que a nova geração de mulheres já está acostumada a não ter que pedir permissão para um homem para sair e fazer suas coisas, então preferimos compará-la a gerações passadas, e o (4), que reforça sua independência e os vários meios de transportes disponíveis para que esteja livre para fazer as coisas que gostam, que também já não são as mesmas que faziam outras gerações (5 e 6). Omitimos o trecho (1)

<sup>24</sup> Tanto a estratégia da *adição* como a da *omissão* são apresentadas em vários modelos de estratégias tradutórias (ex. VINAY; DARBELNET, 1995; FRANCO-AIXELÁ, 1996; CHESTERMAN, 2000; MOLINA e HURTADO, 2002).

por que decidimos apagar as marcas temporais e (2), por que a questão da moralidade é bastante relativa.

#### Excerto 4

Quadro 10: Excerto 4

<b>TP</b>	<i>It is not marriage that I decry, for I don't think any really sane person would do this, but it is this wholesale marrying of girls in their teens, this rushing into an unknown plane of life to avoid work. Avoid work! What housewife dares call a moment her own? (p.7)</i>
<b>T1</b>	Não é o casamento que desprezo, <b>pois não creio que qualquer pessoa sã o faria (1)</b> , mas é o <b>casamento em massa de meninas adolescentes, correndo para um plano desconhecido de vida para evitar o trabalho (3)</b> . Evitar o trabalho! Que dona de casa ousa chamar algum momento de seu?
<b>T2</b> (1ª. versão):	<b>T2</b> Não é o casamento que desprezo, mas a <b>velha máxima de que meninas devem se casar o quanto antes para garantir estabilidade financeira evitando o trabalho (2)</b> . Evitando o trabalho! Que dona de casa ousa chamar algum momento de seu?
<b>T2</b> (2ª. versão)	Não é o casamento que desprezo, mas a velha máxima de que <b>mulheres</b> devem se casar o quanto antes para garantir estabilidade financeira e <b>uma vida sossegada</b> . Vida sossegada! Que dona de casa ousa chamar algum momento de seu?
<b>T2</b> (3ª. versão)	Não é o casamento que desprezo, mas o fato desconcertante de que ainda hoje há meninas se casando cedo demais, geralmente interrompendo os estudos para cuidar da casa e dos filhos.

Fonte: elaborado pelas autoras

Considerando nossa proposta de modernizar o texto na T2, esse foi um dos trechos que se mostrou mais desafiador pela situação nele descrito, que remete à prática do casamento de adolescentes, que era bastante comum quando o conto foi escrito<sup>25</sup>. Ainda que o abuso de menores continue sendo um problema global, como aponta um estudo promovido pela revista britânica *The Economist*<sup>26</sup>, o casamento precoce parece ser uma prática limitada a certas partes do mundo. Assim, destaque foi dado à expectativa que se tem de mulheres acabarem se casando, não só para evitar o trabalho, mas também para ter estabilidade financeira (2). Além disso, o trecho (1) foi omitido, pois hoje em dia há um sem-número de pessoas contrárias ao casamento. Em uma segunda versão, o termo *meninas* foi trocado por *mulheres* e *evitando o trabalho* foi substituído por *uma vida sossegada*, levando em consideração que muitas mulheres continuam a trabalhar depois de casadas. Porém, ainda em dúvida em relação ao casamento de

<sup>25</sup> Cf: <https://www.cpr.org/show-segment/child-marriage-common-in-the-past-persists-today/>

<sup>26</sup> Cf: <https://outoftheshadows.eiu.com/>



adolescentes, pesquisamos outros sites da internet. De acordo com a Unicef<sup>27</sup>, 26% das adolescentes brasileiras se casam antes dos dezoito anos (a média latino-americana é de 25% e a estadunidense é de 9%), sendo que o Brasil está entre os países com o maior número de uniões precoces (atrás apenas de países como Índia, Bangladesh e Nigéria). Assim sendo, não seria descabido manter a referência a casamento precoce. Contudo, decidimos manter a omissão da menção às meninas que se casam para fugir do trabalho. Em vez disso, fez-se referência à desistência dos estudos para cuidar da casa, escolha que acreditamos ainda se conecta ao trecho seguinte do texto.

## T2

### A MULHER.

O agente literário se levantou, ajeitou a gravata, pigarreou, fixou seu olhar no jovem e, em voz alta, um pouco afetada pela língua presa, perguntou:

- Sr. --, poderia nos dizer sua opinião sobre o assunto em questão? O senhor acha que as chances de uma mulher se casar aumentam ou diminuem quando ela ganha igual ou mais que o homem?

A secretária ajustou os óculos, abriu o documento no lap-top, se preparando para anotar a resposta do Sr. --. O Sr. -- se mexeu na cadeira, inquieto, se aprumou bruscamente e finalmente deu sua opinião. Um outro homem fez o mesmo, e outro, e mais outro. Então, as mulheres se manifestaram contra a opinião dos homens, que retaliaram. Uma guerra de palavras se seguiu, e a questão ficou sem uma resposta definitiva – o que geralmente acontece com guerras de palavras.

Eu? Bem, respirei fundo e não disse nada, mas durante o tempo todo, um pensamento se formava em minha cabeça; se formava, não, ele já estava lá. Era o seguinte: por que uma mulher que tenha um bom salário se casaria? Considere a mulher que trabalha hoje. Ela trabalha meio período ou período integral, algumas trabalham à noite, claro. Quando termina o expediente, ela vai para casa, ou para um apartamento que divide com outras pessoas, como pode ser o caso. Pede uma tele entrega; não tem tarefas de casa com as quais se preocupar; não

---

<sup>27</sup> Cf: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-10/unicef-26-das-adolescentes-brasileiras-casam-se-antes-dos-18-anos>

precisa se incomodar em preparar nenhum jantar para o marido, que está sempre pronto a reclamar de tudo; nenhuma criança malcriada para lhe testar a paciência; nenhuma preocupação com as economias do lar. É fato que ela ainda tem seus problemas com dinheiro, dívidas para pagar, controle do cartão de crédito, mas eles só a tornam independente em vez de reduzi-la a um nível absurdo de desespero. Seu dia de trabalho acaba no escritório, escola, loja. O resto do tempo é só dela, sem o peso do vai e vem de tarefas domésticas, e ela pode usar esse tempo com atividades que lhe dão prazer.

Ao contrário das mulheres de gerações passadas, a mulher de hoje já não depende da vontade de um homem mal-humorado para levá-la a lugares que precise ou deseje ir. Ela vai sozinha – a pé, de transporte público, com seu carro, de aplicativo. Ela é livre para ir onde desejar – cinema, teatro, balada, shopping, enfim, pode ver e ser vista; pode trocar experiências com outras pessoas, beber, dançar – tudo sem se preocupar se tem que dar de mamar ao filho ou preparar o café para o marido. O que ela ganha é seu, inegável, incondicional e integralmente. Ela tem mais noção do quanto pode gastar, de como pode se vestir, do limite de sua renda. Ela pode comprar qualquer coisa que queira – um livro, um computador, um carro, tudo sem dar satisfação a ninguém, ou ter que sugerir ao marido que fulana de tal tem um celular novo e que ela sabe que em um site da internet é possível comprar o último modelo bem mais bonito e barato. Para quem aprendeu a ser independente, é humilhante ter de pedir dinheiro a um homem, não importa quanto. A mulher que trabalha não conhece tal aflição; ela só precisa consultar sua conta, e pronto! No verão, pega as economias, passa a mão em uma mala e vai viajar dentro ou fora do país, e não há ninguém que lhe diga não, nada que a incomode além do peso de sua bagagem. Há independência, felicidade e leveza no ritmo que conduz sua própria vida. Seus horizontes estão em constante expansão pelo contato com o mundo externo; com o pensamento de escritoras e escritores vivos ou mortos que conhece nos livros que ela mesma compra; no seu contato com a natureza, com outras comunidades. Ela não ultrapassa a liberdade que desfruta, pois, se não aprendeu na escola, adquiriu desde então hábitos de autoconfiança e resiliência; ela acredita veementemente que a liberdade perfeita é aquela que segue, sem desvios, as leis que promovem avanço mútuo.

Assim, a determinação da mulher independente que trabalha é tão ideal quanto se pode imaginar. Portanto, por que haveria de querer trocar essa liberdade por uma vida de servitude, que antigamente até podia ser vista como doce, mas que é, de fato, irritante e insuportável?

Não é o casamento que desprezo, mas o fato desconcertante de que ainda hoje há meninas se casando cedo demais, geralmente interrompendo os estudos para cuidar da casa e dos filhos.

Casamentos podem ser uma dádiva dos céus, mas geralmente são consumados aqui na terra mesmo. Da parte do homem, o desejo de aproveitar a juventude da mulher, como uma criança deseja um brinquedo novo, e da mulher, um amor inato pelo homem, um medo incontrolável de ficar para titia, e de perder a chance de constituir a família perfeita. A atração pelas mentes iguais, a habilidade de um completar as luzes e a sombra do outro, a capacidade de cumprirem os deveres de marido ou mulher – nada disso entra no contrato. Por isso existe o divórcio.

E assim, nossa mulher independente em todos os anos de sua vida plena, rica e bem resolvida, adquirindo sabedoria e experiência, aprendendo humanidade, e particularmente sobre o sexo oposto, a fim de evitar falsos ídolos, quando finalmente aceita se casar, o faz talvez com menos romantismo e glamour que suas irmãs mais novas, mas com a certeza de uma felicidade sólida e mais duradoura. Por que haveria de querer apressar essa situação? Estaria tudo perdido devido à espera?

“Dizem” que os homens não gostam de mulher assim, que preferem as mais doces, as mais delicadas; que preferem mulheres atraentes e submissas, aquelas que buscam abrigo em seus braços e concordam com tudo que eles dizem, que olham para seus homens como se fossem deuses enviados à terra para edificar as mulheres. Que seja, mas a verdade é que certamente respeitam a mulher independente e a admiram, ainda que não demonstrem. Quanto a elas, independentemente do quão sensível uma mulher seja em relação a outras questões, quando se apaixona, ela é boba o suficiente para acreditar que seu amado é um verdadeiro santo. Carícias? Bem, ela pode presidir reuniões, falar de igual para igual com seu chefe, fazer manifestações nas ruas, assinar o editorial de uma revista, escrever artigos e teses, guiar ideias através dos labirintos das letras, protestar no tribunal ou empunhar um bisturi; ainda assim, quando o momento certo chegar, ela se entregará ao seu abraço viril, envolverá seu pescoço com seus braços e deitará sobre seu peito tão carinhosamente quanto sua irmãzinha, que não fez nada além de pensar, sonhar e praticar para esse momento. Veja, é natural.

### Considerações finais

Acreditamos que, por meio das análises apresentadas, conseguimos mostrar como delinear uma estratégia levando em conta a função determinada para o TC nos auxiliou e guiou nas tomadas de decisão. Com a comparação entre as duas traduções, pudemos mostrar dois resultados diferentes para um mesmo texto, sendo ambos possíveis, porém com funções diferentes. A T1 teve como propósito manter o distanciamento temporal para evidenciar as semelhanças entre um discurso feminista do século XIX com os de hoje, enfatizando que, por mais que a luta feminista tenha conquistado muitos direitos para as mulheres, ainda temos muito que ser conquistado. A T2 aproximou o texto um pouco mais do leitor de hoje com o propósito de criar um texto com o qual as leitoras de hoje possam se identificar mais facilmente, mas também evidencia a necessidade desse discurso ser reiterado, considerando que um texto de 1895 fala, entre outras pautas, em uma igualdade salarial que não atingimos até hoje. Ainda que a T2 traga mais mudanças, elas também foram efetuadas no T1, não com o intuito de modernizá-lo, mas para facilitar um pouco a compreensão do leitor.

### Referências

- ALVES, F. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Traduzir com autonomia*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 29-38.
- CHESTERMAN, A. *Memes of translation: the spread of ideas in translation theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V., 2000.
- DUNBAR-NELSON. A. M. *Violets and other tales*. Project Gutenberg, 2006.
- FRANCO-AIXELÁ, J. Culture-specific items in translation. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M.C.-Á. (eds). *Translation Power Subversion*. vol. 8, Clevedon: Multilingual Matters, 1996, p. 52-78.
- MOLINA, L; HURTADO ALBIR, A. Translation techniques revisited: a dynamic and functionalist approach. *Meta*, XLVII, .4, p. 498-512, 2002.
- NEWMARK, P. *A textbook of translation*. London: Prentice Hall, 1988.
- NORD, C. *Translating as a purposeful activity: Functionalist approaches explained*. 2a. ed. Oxon: Routledge, 2018.

\_\_\_\_\_. Defining Translation Functions: the translation brief as a guideline for the trainee translator. *Ilha do desterro*, n° 33, p. 39-53, 1997.

\_\_\_\_\_. *Text Analysis in Translation: theory, methodology, and didactic application of a model of translation-oriented text analysis*. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam: Rodopi, 1991.

REIß, K; VERMEER, H.J. *Towards a general theory of translational action: skopos theory explained*. Tradução de Christiane Nord. Oxon: Routledge, 2013 [1984].

SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

TOROP, P. *La traduzione totale: tipi di processo traduttivo nella cultura*. Tradução de Bruno Osimo. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 2010.

TYMOCZKO, M. Ideology and the position of the translator: in what sense is a translator 'in between'? In: CALZADA PÉREZ, M. (ed.). *Apropos of ideology - translation studies on ideology – ideologies in translation studies*. London: Routledge, 2003, p. 181-201.

VINAY, J.; DARBELNET, J. *Comparative stylistics of French and English: a methodology for translation*. Tradução de SAGER, J. C.; HAMEL, M.-J. (ed.). John Benjamins Publishing, 1995 [1958].

WEININGER, M.J. Estrela guia ou utopia inalcançável: uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. In: CARDOZO, M; HEIDERMANN, W.; WEININGER, M. J. (ed.). *A Escola Tradutológica de Leipzig*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009, p. XIX-XXVIII.

WILLIAMS, J; CHESTERMAN, A. *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St Jerome Publishing, 2002.

YUSTE FRÍAS, J. Paratextualidade e tradução: a paratradução da literatura infantil e juvenil. In: *Cadernos de Tradução*. Tradução de Gisele Tyba Mayrink Orgado. Florianópolis, v. 2, n. 34, jul/dez 2014.

ZANON, M.C. Fon-Fon! Um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque. *Revista Patrimônio e Memória*. UNESP-FCLAS-CEDAP, v. 1, n. 2, p. 28-40, 2005. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/18/418>. Acesso em 08 jun. 2020.